

HISTÓRIA ADMINISTRATIVA

Notas para a história da reforma administrativa no Brasil

LUÍS CARLOS JÚNIOR

1.^a PARTE

Panorama Geral anterior a 1930

CAPÍTULO XXVI

A borrasca

DEPOIS de eleito e reconhecido para o quadriênio 1930-1934, o Sr. Júlio Prestes, à frente de luzida comitiva, embarcou-se no "Almirante Jaceguai", em viagem de núpcias com a Presidência.

2. Ia o ex-futuro Presidente da República retribuir, nos Estados Unidos da América, a visita que o Presidente Herbert Hoover fizera ao Sr. Washington Luís. Posteriormente, dirigir-se-ia à Europa, onde se poria em contacto com os estadistas do Velho Mundo, em visita de cortesia e propaganda dos interesses brasileiros.

3. Enquanto aquela unidade do Lloyd, guardadamente aprestada para cruzei de tão alta significação, singrava os mares bonanços em demanda de plagas estrangeiras, anuviavam-se, porém, assustadoramente, nossos horizontes internos e a borrasca prenunciava-se iminente.

4. A 26 de dezembro de 1929, em pleno recinto da Câmara, um deputado abate a outro a tiros, em defesa de um filho atacado a punhal. A repercussão do fato é enorme, pois os protagonistas da cena formavam nos campos opostos da política nacional. A vítima, figura destacada do situacismo, celebrizada já pelas suas atitudes turbulentas, provocara o lutuoso incidente. O autor do atentado, mais vítima, talvez, do que aquê que tombara, é, por sua vez, figura destacada, da Aliança Liberal, homem público dos mais eminentes em que contara a República, cidadão e chefe de família exemplaríssimo.

5. A opinião pública fica estarecida, mas o caso serve de incremento ao tropel das paixões

desencadeadas. A exaltação, dos ânimos é das maiores e só é superada quando outro crime, de âmbito nacional, vem abalar a população.

6. Num regime de compensações, dir-se-ia que as facções opostas estão quites, pois a nova vítima pertence desta vez à Aliança Liberal. Succede entretanto, que a vítima, neste segundo caso, é o Sr. João Pessoa, companheiro de chapa do Sr. Getúlio Vargas, e, portanto, a segunda figura do campo oposicionista.

7. Em vão o Governo procura acalmar os ânimos, prometendo garantias e a punição dos culpados. Ninguém se contenta com a prisão do sicário que, numa confeitaria do Recife, abatera o destemido Governador da Paraíba. Todos querem, por trás dêle, vislumbrar o mandante ou mandantes do magnicídio.

8. A verdade é que a situação se tornara difícil para o Governo, malgrado tôdas as aparências de força. Embalde o Presidente Washington Luís concedera a primeira parte do aumento de vencimentos ao funcionalismo, na base de 100 % sobre os de 1914, prometendo para breve a parte restante. Embalde o subsídio dos deputados e senadores havia sido aumentado, com o beneplácito Presidente.

9. O povo estava cansado, não pròpriamente, da pessoa do Presidente, mas do Regime e das freqüentes inquietações que êste acarretava. O levante de Copacabana, a Revolução de São Paulo, a Coluna Prestes e outros pequenos pronunciamentos militares repontando aqui e ali, aliados ao calor da última campanha eleitoral, ao câmbio vil e ao colapso do café, haviam cavado uma profunda e definitiva divergência entre a Nação e os seus dirigentes.

10. Ao anoitecer de 3 de outubro de 1930 começam a circular no Rio rumores de que as comunicações ferroviárias entre esta Capital e o Estado de Minas haviam sido cortadas pouco acima de Entre Rios, na fronteira daquele Estado com o território fluminense. Pouco depois, a Central do Brasil confirma êsses rumores, sem entrar, entretanto, na explicação dos fatos. Por sua vez, a antiga Repartição Geral dos Telégrafos declara não poder comunicar-se por suas linhas com as principais cidades do Estado montanhês.

11. A êsse tempo, já a notícia de que Minas se sublevara corre pela cidade. As autoridades estão atônitas. Também as capitais do Rio Grande e da Paraíba não dão sinal de receber as sucessivas mensagens telegráficas que o Governo procura transmitir-lhes. Parece um movimento simultâneo, que não tarda a confirmar-se.

12. À mesma hora, nas capitais dos três Estados coligados, deflagara um movimento revolucionário, destinado a depor o Governo da República. Em Pôrto Alegre, o Sr. Getúlio Vargas, acompanhado dos Srs. Borges de Medeiros, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Assis Brasil, Raul Pila e outros próceres, era delirantemente aclamado à sacada do Palácio do Governo. Em Belo Horizonte, o velho Presidente Olegário Maciel, la-deado pelos Srs. Arthur Bernardes e Antônio

Carlos e ainda pelos Srs. Afrânio de Melo Franco, Virgílio de Melo Franco, Francisco Campos, Amaro Lanári, Gustavo Capanema e muitos outros, agradecia comovido as manifestações da multidão que se comprimia nos Jardins do Palácio da Liberdade. Na cidade da Paraíba, o povo, entregue aos seus desejos de vingança, clamava por justiça para o assassino de João Pessoa.

15. No Rio, a atmosfera, se bem que de apreensões, mostrava-se otimista. O Presidente Washington Luís recebia demonstrações de solidariedade de todos os outros pontos do país. O Governo estava habituado a vencer. As guarnições das demais unidades da Federação garantiam fidelidade e a atitude dos soblevados era mais de expectativa que pròpriamente de ataque, já que se mantinham dentro das respectivas fronteiras.

14. Ainda uma vez o poder constituído esperava vencer, e, às 9 horas da noite de 23 de outubro de 1930, numa estação de rádio desta Capital, em arenga de propaganda, do tipo das que, mais tarde, nos habituaríamos a ouvir, o escritor e acadêmico Medeiros e Albuquerque afirmava que o Governo recebia as melhores notícias de todos os pontos do país e que, em poucas horas mais, as tropas legalistas estariam em condições de debelar a masorca.